

AQUI

QUEM

FALA

É O

POVO

---

TERRA

AQUI ABÁ

**Diretora da Faculdade de Letras**

Sueli Maria Coelho

**Vice-Diretor**

Georg Otte

**Labeled - Editora laboratório**

Coordenação editorial e administrativa

Emília Mendes

**Comissão editorial**

Maria Cândida Seabra

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Sônia Queiroz

**Estagários do Labeled**

Beatriz Cristelli

Gabriel Mota

Renan Lacerda

Kevin Silva

**Endereço para correspondência**

Labeled – Laboratório de Edição

Fale/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627

sala 4083

Belo Horizonte/MG

e-mail: [originais.labeled@gmail.com](mailto:originais.labeled@gmail.com)

site: [www.labeled-letras-ufmg.com.br](http://www.labeled-letras-ufmg.com.br)

POVO XAKRIABÁ

AQUI  
QUEM  
FALA  
É O  
POVO

---


TERRA

XAKRIABÁ

Belo Horizonte – 2023

fale  
editora





Dedicamos este livro a todos os pesquisadores Xakriabá autores das obras originais às quais recorreremos para produzir esta antologia. Dedicamos também aos mais velhos e às lideranças Xakriabá. Dedicamos aos estudantes que lutam pela preservação dos saberes de seu povo.



# Apresentação

Caros parentes Xakriabá,

Tivemos a alegria de fazer parte da equipe editorial desta obra, ao lado dos estudantes de graduação do curso de Edição da FALE-UFMG e da professora Alice Bicalho. Para nós foi um prazer imenso vê a cultura e a tradição de nosso povo ser reconhecida. Vê a sabedoria de nosso povo ser respeitada e reconhecida nos fortalece, quando lembramos dos saberes de nosso povo entramos em contato com a terra e com tudo que ela nos guarda em segredo. Vivemos em tempos onde os mais velhos são esquecido, deixados de lado, reviver essa sabedoria foi como uma conexão direta com nossos ancestrais que viveram nesse pedaço de chão.

Os mais velhos são livros vivos que nos conta uma história de luta e sabedoria, uma história que não foi enterrada com eles, mas permanece em nós e é passada através do falar, do cantar, e do pintar também.

À UFMG nossos mais sinceros agradecimentos.

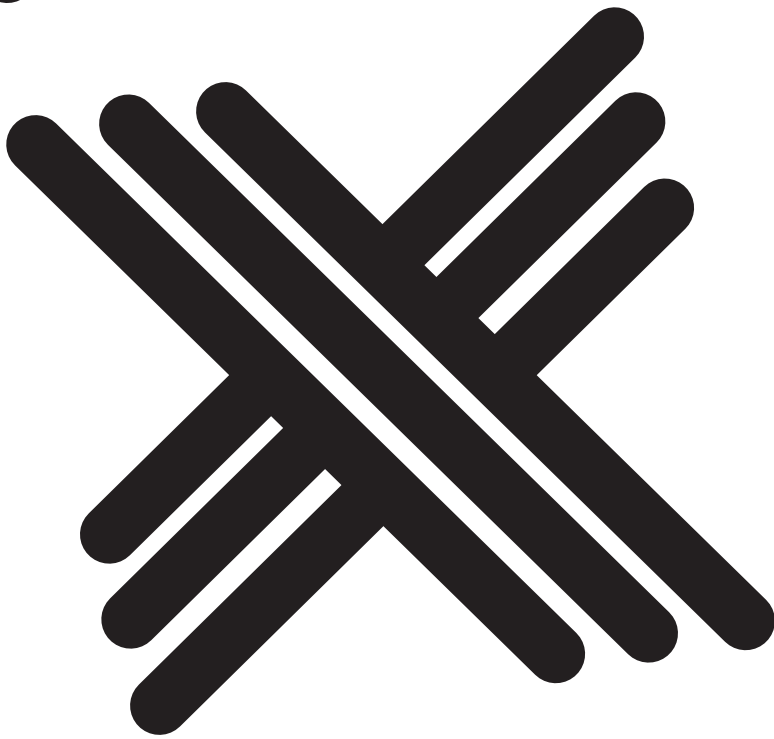
Atenciosamente,

Cheila Araújo Xakriabá

Célia Fiúza Xakriabá

Fernanda do Carmo Xakriabá









TERRA



## ***Terra é mãe, meu fio***<sup>a3</sup>

Dona Ercina Bispo de Santana

Óia, meu fio\*,  
Quando os possêro\* invadiu aqui,  
quer dizer: foi invadido pelos talo\* donos.  
Porque muitos Xakriabá vendero  
a metade deles da terra.  
Vendeu, vendeu pros povos de fora.  
Masimiro vendeu dois lugar,  
quer dizer:  
um lá em'riba\* vendeu p'o finado\* Santo.  
Vendeu  
e não recebeu,  
ficou lá de graça,  
lá na passage pra cá'sim, até cá embaixo.  
É que você não sobe lá, da posição adonde é, adonde tem  
um pé de manga grande, lá na beira do riacho pra cá'sim  
dela, do São Gonçalo até cá mais pra baixo.  
Na beira do riacho não tem um pé de manga grande? Na  
birinha\* do riacho? Pois é, dali p'arriba, fora na estrada,  
assim, sem ser no morro, aquilo ali era nosso.  
Ele pegô e vendeu p'o finado Santo.  
Vendeu não, deu escondido de mim,

---

<sup>a</sup> As notas numéricas se referem às obras originais das quais cada texto desta coletânea foi retirado. As referências completas bem como uma sinopse destas obras se encontram ao final deste volume. Já os asteriscos indicam que o vocábulo consta no glossário. [N.E.]



Aqui quem fala é o povo Xakriabá

pois bom.

E ali do oto lado.

Aqui eu comprei de compade Neco,  
e ali do oto lado, onde tem a Funaia\* hoje,  
meu fio, ali foi comprado  
de lá, e daqui quem comprou foi eu.

Eu comprei e foi, eu comprei a troco de uma vaca.

Eu deu uma vaca a compade Neco  
por o direito, terra não.

Terra não, que não se compra mãe não.

E a terra é mãe, já viu?

Eu dei uma vaca pelo direito de compade Neco, aqui neste trecho daqui. Da água fria pra cá e dali assim, pra'culá\* assim, era Saluzim. Saluzim pra lá, e compade Neco aqui nesse trecho. Eu comprei aqui de compade Neco, comprei ali. Comprei lá do oto lado, onde tem a Funaia hoje. Foi comprado de compade Neco.

Cê num tá veno aquele pé de côco na frente de Rodrigui? Assim no canto. Assim de lado. Não tem aquela moiteira de mato, assim? Ali era a fornaia, ali era a fornaia.

E as palavra Xakriabá: os Pedaco...

Eu quase não prision'isso, não.

Aí meu fio, eles vendero.

O Masimiro vendeu lá pro tal de João Rusaro. Ali em cima, aculá, ali em'riba: esse trecho aí foi vendido até lá em cima. Assim, esse trecho daqui foi vendido tudo. O finado Santo vendeu esse trecho assim, pra'culá, acho que foi pra esse João Russaro também. Não sei pra quem foi, não.

Eu só sei dizê que lá em cima,  
na barra,

tinha um home lá que tava trabaiano, lá num lugá desse.

Esse povo que tava trabaiano  
no direito que eles compraro da terra,  
dessa terra aqui, meu fio.

Ontonci\*.

Foi da conduta que teve uma ventona.

Eu não sei se deu com chuva,  
ou sei foi só o vento.

Aí, na barraca lá, ali em riba na barra,  
o home botô uma ispingarda assim, na furquia.\*

E a cama dos menino era assim imbaixo e a ispingarda por  
cima.

Ah bom,  
no vento que deu,  
meu fio,  
ô meu bom Jesus da Lapa,  
o home chamava João,  
era João,  
era isso mesmo.

Bom,  
aí deu um vento,  
meu fio,  
derrubô a barraca assim e a ispingarda caiu de boca.  
Não sei como foi não.

E atirô,  
disparô,  
disparô na menina,



Aqui quem fala é o povo Xakriabá

na mocinha,  
assim, meu Deus,  
ela tava bem assim,  
disparo lá nela, assim de lado,  
nos peito, mas de lado.  
Se fosse assim, tinha matado.  
Ô meu fio,  
acho que não morreu, não.  
Penso que não,  
pruque a mãe carregô ela logo no ôto dia,  
levou ela p'a Manga.  
Agora, aí meu fio,  
nessa conduta que ela levô ela pra lá,  
ela não voltô com ela mais não.  
Voltô cá mais não.  
Tomém foi só.  
E essas invadição danada ali do ôto lado, que pegô  
e vendeu iscondido de mim, já viu?  
Tudo esse povo de fora  
aqui pra cima, esse povo  
aqui p'arriba, tudo foi vindido,  
meu fio.  
Tudo foi vendido terra aqui, já viu?  
Por isso que o povo de fora invadiu pra tomá: pruque com-  
prô. Pruque comprô na mão dos tali\* donos.  
É por isso que eu falo,  
meu fio,

falo a minha verdade.

Eu não gosto de mentira e nem levantá farso a ninguém,  
já viu?

Purisso que o povo de fora tomô conta, já viu?

Que foi a luta do meu fio,

que meu fio pegô essa cruiz e jogô nas costa p'a defendê  
esse lugá, já viu?

p'a defendê esse lugá, como ele falava,

que essa cruiz ele pegô e botô nas costa.

E essa cruiz,

ele sabia que murria,

mas essa cruiz ele não tirava ela das costa dele,

e foi com certeza.

Só praque

meu fio,

toda vez que vinha,

ele comia,

que ele vinha,

ele comia.

Quem fazia o pirão era ele,

ele fazia o pirãozinho gostoso que ele gostava.

Eu não tirava as carne,

os pedaço separado,

eu dizia assim:

“Ô meu fio, agora cê tira,

cê escói os pedaço que cê gosta.”

E ele tirava aqueles pedaço que ele gostava, comia.



Aqui quem fala é o povo Xakriabá

Eu diz:

“Chegô, meu fio?”

Ele diz:

“Chegô, mãe.”

Eu diz:

“Às veiz você ainda qué, meu fio.”

Ele diz:

“Não. Pra mim, minha mãe, agora chegô, graça’sa Deus. Tô com minha barriga cheia, hoje eu sei que comi.”

Ro-sa-li-no,

meu fio,

Rosalino.

O finado Gerôme, o finado Salumê, o finado Jermano Gomi, Agustim... quem era mais, meu Deus, que eu não tô lembrada? Tudo, meu fio, que luitô nesse mundo de Deus, de Belo Horizonte. Esse mundo andano p’a defendê essa terra e nunca defendeu.

Rudrigue, não. Rudrigue, não, que Rudrigue, nesse tempo, não era gente, não. Rudrigue era pequeno, e até andô bem na verdade, sim.

E o finado Biniditim, o finado Biniditim do Sumaré, também.

Tudo nessa luta dessa terra

meu fio

Toda veiz, todo ano que esse povo ia,

todo mundo do pessoali daqui dava dinheiro

p’esse povo ir

pra esse povo ir, e nunca liberava, não senhor.

Quem vei liberá ela, com as força de Deus,

foi meu fio.



Foi meu fio Rosalino que liberô essa terra  
com os milagre,  
com as força de senhor São João.

Meu fio,  
uma criança  
um anjo  
meu fio

Pruque Rosalino era uma criança novinha  
já pensô?

Meu fio  
e os mais véio caminhô toda vida.

Só quem nunca foi em viagem nenhuma foi meu pai. Meu  
pai nunca foi, só dava o dinheiro, dava o dinheiro p'eles  
tudo que ia. Dava p'u finado Jermano, p'u finado Agustim,  
p'u finado Biniditim, p'u finado Salumé, tudo p'a í p'o Rio  
de Janeiro, Berolizante.

Tudo a refêm dessa defesa,  
p'a defendê essa terra,  
mas nunca pôde defendê,  
não senhor.

Quem vei defendê ela foi meu fio  
meu fio.

Meu fio,  
uma criança,  
uma criança que podia tê uns cinquenta ano já  
puraí.

Aí meu fio,  
foi o tempo da luta de meu fio,



Aqui quem fala é o povo Xakriabá

já viu?

Foi na derradêra viagem

foi mais assim: no dia que eles tiraro...

Os fariseu

tirô a vida do meu fio,

os pessoali do Peroaçu, de Vargem,

desse mundo de cá tudo, tudo,

meu fio, já se tava retirano,

já tava retirano!

Que ele ainda falô assim:

“Ô mãe, quando o pessoali, esse pessoali de fora, que tá dentro da ardeia, daqui da área, sair. Que tivé saído

tudo pra fora...

Agora

os índios que saiu e tivé fora,

minha mãe

eu vou atrais,

eu vou atrais e trago nem que sabê marrado,

mais eu tem que trazê e botá dentro do lugar, dentro da ardeia.

Fora não fica, não.”

Tudo isso ele falô pra mim.

já viu?

É tanto, que quando esses pessoale, esses possêro tava saíno pra fora...

meu fio,

meu fio,

foi o tempo que tiraro a vida de meu fio.

Os possêro já tava saíno. Já tava quase com uns treis dia a quatro que nóis já tava sabeno notiça que eles tava mudano. Mudano tudo p'a Itacarambi, lá pa Itacarambi. P'um tali de lugá que puisero nome de Funainha, né? Cá pu de trâis assim, Itacarambi, a cidade tá assim, e agora fizeram aquela barracada. Barracada de fora a fora, de cá do campo da Sariema, ali fizeram tudo de barraco p'esses possêros que tava saino pra lá. Tudo dessa conduta, meu fio, dessa luta dessa terra aqui, meu fio.

## **Reis de Rosalino<sup>8</sup>**

*Bom dia, meus amigos,  
vamos contar o que aconteceu [2x]*

*Teve um conflito,  
três índios ali morreu [2x]*

*Com a morte do Rosalino,  
nós ficamo em desespero [2x]*

*Por causa de nossas terras,  
tomada por fazendeiros [2x]*

*No ano de 87,  
dia 12 de fevereiro [2x]*

*Chegou o seu Amaro  
Junto com os pistoleiro [2x]*

*Quebrando todas as porta  
e fazendo um tiroteiro [2x]*

*Rosalino, em desespero,  
na porta ele apontou [2x]*

*Ele foi baleado,  
eu não sei quem o matou [2x]*



Aqui quem fala é o povo Xakriabá

*Naquele momento,  
todos índio se abalou [2x]*

*Terminamos esse Reis,  
com uma dor no coração [2x]*

*Por nossos irmão, querido  
que lutou por nosso chão [2x]*

*Terminamos esse Reis,  
com uma dor no coração [2x]*

*Por nossos irmão, querido  
que lutou por nosso chão [2x]*

*Por nossos irmão, querido  
que lutou por nosso chão [2x]*

*Por nossos irmão, querido  
que lutou por nosso chão [2x]*

*Por nossos irmão, querido  
que lutou por nosso chão [2x]*

*Viva a Luta de Rosalino!  
Viva!*

## **Terra invadida<sup>5</sup>**

*– Essa terra que temos hoje  
houve uma grande invadição.  
Morreram índios e também  
posseros, nesta quadra nós  
ainda éramos criança.*

*– Mas pelas coisas que nosso  
pais conta, uns próprios  
índios deu o braço a torce  
contra si mesmo.*

## **Possêro<sup>5</sup>**

*– Os possêro  
invadiu nossas  
terras, com uma  
grande ingressão,  
queria que todos  
nós, saísse sem  
nem indenização,  
mesmo sabendo  
que samos a nação  
e donos da própria  
prantação, queria  
tomá nossa mineração,  
e ser donos dos  
nossos coração.*

## **Terra em troca de carro<sup>5</sup>**

*– Naquela quadra, muntios  
enixia os ôtos de cunvessa.  
Vende sua terra senão vai  
ficar sem, com isso as terras  
estava quase todas vendida,  
nas inbaúba só meus avôs  
que nunca tinha vendido pôr  
causa do nosso cacique  
que aconselhou porque já  
estava na luta.*

## **Caramuru<sup>3</sup>**

Seu Sílvio José de Araújo

É que antigamente foi muito difícil pra conquistar os índio. Mas teve um meio muito importante que aconteceu.

Saiu de Portugal uns tripulantes dumas caravelas. Uma acidentou e ês caíram na água. Morreu um bocado deles.

Saiu um com um bernal de cartucho.

Ele conseguiu sair pra mata e encontrou uma tribo de índio. E quando ele viu se assustou, mas num tomou conhecimento.

Ele viu um pássaro assim, num pau alto. No que ele tava com uma espingarda, atirou. No que o pássaro caiu no chão, os índio achou interessante e andou pra junto dele e glorificando ele. Só cê vendo. Achando aquela, a coisa mais importante. Antão receberam ele e chamaram ele pra lá onde ês tavam. Ele ia ser o cacique por causa que ele tinha aquele poder de atirar e o pássaro cair já morto. Colocaram o nome dele de Caramuru, por causa que esse pássaro tinha o nome de Caramuru. O pássaro que o português tinha matado. E ele ficou cacique muitos anos.

Veio a descoberta do Brasil. Os bandeirante e as entrada saíram desbravando ouro e conquistando os índio. E antão chegaram nessa tribo e acharam é facilidade, porque o cacique era português.

O cacique pediu paz pros índio e que obedecessem ele e que se entregassem aos bandeirante e àquele povo das entrada. Eles tomaram conhecimento e conquistaram os índio mais fácil.

## **Quando o tudo era todo<sup>3</sup>**

Seu Emílio Gomes

Eu me chamo Emílio, nome indígena, Caipora Xakriabá. Dessa nossa história eu não tenho muito que contar: só o viver que eu alcancei; que é o viver xakriabá que os meu avós contavam, que os meus parente conta. Um passado muito bom, muito ótimo, muito bem.

Índio durava até centi tantos anos.

E a comida deles era mais: mele de abeia\*, feito o aruá com a carne de bicho do mato – carne de meleta\*, carne de tatu, de anta, de ema. Quando então, tinha muita mandaçaia, jataí\*, munduri; o urucu, marmelada. Então tinha um monte de abeia aqui e tudo era comida dos índios. Então eles comia também raiz do imbú, fazia a farinha da raiz do imbú.

Aí o passado deles. É isso que era a comida deles.

Porque eles não usavam plantar roça, quando foi no tempo que eles não usavam ferramenta pra trabalhar. Isso também é uma tia minha; ela contou: nas ocasião das festa das religião, eles pegavo jatobá

pisavo

tiravo fubá dele

fazia biscoito pra cumé.

era tudo de barro.

Cozinha também era panela de barro. E a raiz de coité era comida deles lá, na panela de barro. O prato era de barro, esculatera\* de barro – então fazia os tachos também de barro.

O sabão que usava pra lavar pés, banha, era sabão dicuada\*. Quando não tinha sabão, raspo do juá\*. Raspando o juá pr'eles tomar banho; pr'eles lavar a cabeça. Então isso que era o sabão deles.

A folha de tamborí\* também era o sabão deles. Quando



Aqui quem fala é o povo Xakriabá

tinha que nesse tempo chovia muito, tinha seis meses de chuva, tinha outra alimentação deles – peixes nos rios, nas lagoas, no Itacorombi. Tinha, que ficou tudo para o lado do branco. Os índios iam pescar – era a alimentação deles. Eles pegavam as folhas de tamborí, a casca, e batiam na lagoa pra pegar o peixe. Modo deles comer.

E depois vem daí pra cá.

Na tradição deles, na religião deles, eles levavam tudo pra comer lá, pra fazer o aruá, pra comer nos dias durante a religião deles. Só que era uma vida boa, porque eles tinham uma vitamina, um remédio.

## ***Como era o tratamento dos jovens com os mais velhos<sup>2</sup>***

Senhor Antônio Pereira de Souza

A primeira escola do nosso pai, que ensina a criança, quando ela começava falá, o pai já falava assim: “cê num trata ninguém, seja ele quem fô, era vancê. As mulher, as senhoras, os senhores”.

Hoje há criança que trata um adulto “véi” aí é “você”. Tem essa grande diferença. Mas a vezes num é porque aquela criança é maleducada\* não. É porque ela já aprendeu já com o própi\* ensino dela, já foi dado de início. Num é porque ela é maleducada. Nós aprendemo foi naquela data, então era, a educação dos pais era aquela e hoje tem a mudança no ensino. Eu num acho que isso é errado não.

E, era o nosso pai que fazia aquilo. O pai fazia: chega, e cê só dava benção o padrim\*, era de juei\*. Pudia ir onde for, ele falava, vortava, juei. Se, encontrava o padrim lá na istrada\*, disamuntava. Ele disamuntava do cavalo pra pudê o minino, o afiado, dá benção ele, de juei, no mei\* da istrada. Então era uma educação dada. Hoje num acontece mais isso. Então a diferença é grande né?



## **Home Muié<sup>5</sup>**

*– Os home i as muié, que num são unidos, briga, os que são unido fica a reclamar, será que esses casais num tem vergonha! de viver só brigando.*

## **Cuidados com a criança<sup>7</sup>**

Quando nasce o primeiro dente da criança, a primeira pessoa que vê o dente tem que pagar com uma moeda para o dente ficar forte. Nem que seja cinco centavos.

Menino gago a gente chega e joga a água no rosto dele, para parar a gagueira. Se for gente grande, pode jogar também, mas cuidado, porque tem gente que acha ruim. A pessoa fica gaga, porque ri demais quando é bebezinho. Não pode fazer cócegas demais nele, porque na hora que começa a conversar fica gago.

Para o menino aprender a conversar rápido, dá água no chocalho de boi para ele beber. Dar água no búzio também serve para a mesma coisa. E tem outro: lavar as colheres, colocar numa vasilha com água, mexer para fazer o barulho e dar água para ele beber. Como já foi dito, o gogozinho do barbado também serve de remédio.

Uma outra coisa é feita na hora que a pessoa está preparando a comida. Pergunta para o bebezinho: “Tã bom?”. Todo dia faz isso. No dia que ele responder “tã”, a partir daí, ele já começa a falar outras palavras.

Tem uma planta, que dá uma frutinha cheia de ar, chamada xique-xique. Pega ela e estoura na boca do menino para ela começar a falar.



Aqui quem fala é o povo Xakriabá

Para a criança andar rápido, põe o pezinho dela dentro do pilão por três vezes, como se ela estivesse pisando o pilão. Aí, arroteia a casa também por três vezes segurando a criança pela mão enquanto outra pessoa vai varrendo o rastro atrás e dizendo: “Caminha fulano\* [diz o nome da criança]!”. Pega cinza morna no fogão, molha e passa na pataca do joelho do bebê por três vezes também é bom para o menino aprender a andar. Essas ciências devem ser feitas por três sextas-feiras.

Quando mata o boi, pega o líquido que sai do joelho do boi, da junta do mocotó\*, e passa no joelho da criança, também para aprender a andar. Isso faz quando mata algum boi.

Tem uma lama que solta do casco do cavalo quando seca. Fica tipo um sapatinho do cavalo. É a mesma coisa de a gente estar olhando o rastro do cavalo. Pega isso e bate três vezes no joelho do neném, também para ele aprender a andar.

Durante três sextas-feiras é bom pôr a criança para andar no caminho das formigas.

Tem formigas que andam à noite, formiga de mandioca. E, de dia, de tanto elas passarem, fica o caminhozinho. É esse caminho que usa.

Outra maneira é pegar a água que usou para despenar o frango (não pode ser franga), coloca para esfriar e quando estiver morna lava as pernas da criança.

## ***O trabalho da mulher de antigamente***<sup>2</sup>

### **Fiar e tecer com algodão e cuidados com o umbigo do bebê**

Dona Ana Evaristo de Sousa

De pimero, nós fiava e fazia os vestido, eu mesmo vestia de agudão e hoje até agudão ta difiçu pra ucê fia. De pimero, fiava aquela linha fina no fuso pá remendá a rôpa. E imbi-

go de minino que ia cortá é amarrado com os cordão que a gente fazia, e hoje já não tá fazeno isso mais puque um imbigio de minino hoje pega infecção. E essas proquera\* que fica botanu lá, coloca aquele arcu\* pra seca o imbigio fica igual teso cum coisa que tá é queimado. E antigamente não, ucê sabe, tinha o azetim\* procê colocá ali e derrepentim ele caía, e até azetim tá difiçu.

## ***As comidas de antigamente e alguns produtos de beleza utilizados<sup>2</sup>***

Dona Ana Evaristo de Sousa

De pimero, a gente fazia o angu dento da fava e fazia a canjica, cunziava\* tudo junto, fazia um angu duro e um mole, pu cê\* colocá o duro dento do mole. De pimero, ucê tinha essas coisa tudim e hoje já não tem mais. De pimero, era mais mió\*.

Colocava fogo no munturo e a mãe da gente colocava umas peda\* umas trempe e cendia o fogo. Pisava o mii\* fazia beju lá no munturo e sentava a gente tudim e ia contá istora\* cumeno aquele beju, contanu istora pá gente, e não vê mais isso aqui.

A gente ia ni festa era tudo cum pé nu chão e não tinha ninguém que ria da gente. E o cremo\* da gente, ucê ta pensano que a gente lavava cabelo cum cremo, passava era óli\* que tem no mato, da manonia\*. Tirava as momonia e torrava pa pudê pisá e tirava aquele óli, aquele dali que a gente passava no cabelo, e o cabelo da gente chegava deramá assim, ó aquele cabelão bunito, não tinha daquilo de iscuê\* cremo que dá bom ô não.



## **Reis da matemática indígena<sup>8</sup>**

*A matemática indígena  
é coisa importante [2x]*

*Mesmo sem saber ler  
aprendia num instante [2x]*

*Aprendia num instante  
o seu jeito de contar [2x]*

*Quantas horas demorava  
o Reis do Xakriabá [2x]*

*Os índios olhavam as horas  
pela sombra e pelo sol [2x]*

*Marcava os dias do mês  
com uma corda dada o nó [2x]*

*Eles também usava relógio de madeira  
sabia quantas horas para fazerem uma peneira [2x]*

*Quando nascia uma criança  
fazia riscos na parede [2x]*

*Sabiam quantas horas  
para fazer suas redes [2x]*

*Os povos indígenas  
têm duas estação [2x]*

*Na seca, o roçado  
e nas águas, as plantação [2x]*

*A estrela d'alva  
é uma sabedoria [2x]*

*Que os mais velhos usavam  
no amanhecer do dia [2x]*

*Terminamos esse Reis  
com bastante alegria [2x]*

*Viva os Xakriabá  
e as outras etnias. [2x]*

## **Os mais velhos contam<sup>4</sup>**

*Os mais velhos contam  
Que eram todos unidos  
O que queria um, todos queriam.*

*Tinha muitas caças.  
A gente,  
Junto,  
Furava abelhas.*

*Tinha muito tatu,  
A gente comia  
Tatu assado sem sal  
Com mel de abelhas.*

*Tinha muitas abelhas:  
Muduri, jataí.*

*A gente comia as caças da Iaiã Cabocla  
E quando chegava na casa da gente,  
Assobiava aqui na área da Funai.*

*Na grota do arrozal  
Tem um coqueiro de três galhos.  
Este coqueiro está encantado.*

*Quando a gente passa  
Vê ele  
E quando volta  
Não vê.*

*Aqui perto da Funai  
Nasceu uma luz que gira.*



Aqui quem fala é o povo Xakriabá

*Aqui, de primeiro,  
Tinha bicho do morro  
Que quando a gente passava  
Corria atrás da gente.*

*O grito dele parecia um berro de marruá.*

## ***laiá Cabocla vinha dentro da área<sup>4</sup>***

*laiá Cabocla vinha dentro da área  
E assobiava uma música.  
Ela vinha e conversava  
Com o índio Estevo Gomes de Oliveira.*

*À noite  
o Estevo falava com a laiá Cabocla  
conversando sobre como estavam  
as coisas naquela ocasião.*

*Nesse tempo  
eles agradavam a laiá com fumo  
e quando vinha uma pessoa fraca  
ela ficava nervosa  
porque eles conversavam coisas  
que não agradavam a ela.*

*Ela batia de chicote  
corria com eles da casa  
Precisava conversar  
com o Estevo Gomes de Oliveira.  
Aí ele ia, conversava com ela  
e ela deixava de mão.*

*A música que ela assobiava era linda.  
Aqui dentro da área  
tem um encanto  
muito lindo e uma luz.*

*Ela caminha em volta da nossa área.  
Ela anda, sobe e desce em volta da nossa área.*

*Ela roda em volta do coqueiro de três galhos  
que tem na grotta do arrozal.*

*O nosso cacique Manuel Gomes de Oliveira  
e o nosso pajé José Gomes de Oliveira  
falecidos  
já viram a Onça.*

## ***Iaiá Cabocla***<sup>4</sup>

Professores da aldeia Brejo Mata-Fome

*Aqui no Xakriabá  
Tem a nossa Iaiá  
Uma onça invisível  
Você pode acreditar.*

*Antigamente existiam  
Em todas nossas aldeias  
Muitas caças lá do mato  
E também muitas abelhas*

*A gente comia as caças  
Que existiam por lá.  
Esta é uma história  
Que nunca pode acabar:*

*Lá mesmo aconteceu  
História de arrepiar:  
Dois irmãos foram pro mato  
Dizendo que iam caçar.*

*Quando chegaram no mato  
A fome pôs-se a apertar  
Fizeram uma simpatia  
Para a fome não matar:*

*Um deles pegou três folhas  
E saíram pra um lugar  
Onde tinha um gado gordo  
E bom de aproveitar*



Aqui quem fala é o povo Xakriabá

*As folhas ele pegou  
Pra quebrar a simpatia  
O medo foi apertando  
Que suas pernas já tremiam*

*O índio virou uma onça  
Conforme o combinado  
E veio logo correndo  
Pois tinha matado o gado*

*Querendo as folhas na boca  
Ela veio se aproximando  
Seu parceiro não resistiu  
E correu logo chorando.*

*A terra Xakriabá  
É uma terra querida  
O coitado do rapaz  
Encantou pra toda vida.*

*A história também se conta  
De uma forma diferente  
Pois faz parte do passado  
E também do nosso presente*

*Uma índia e seu irmão  
Saíram pra um lugar  
Onde tinha muito gado  
Na terra Xakriabá.*

*A índia falou pro irmão  
Com grande emoção:  
"toma aqui esse cachimbo  
"E segura em sua mão.*

*"Eu vou matar uma rês  
"Na fazenda Riachão.  
"Quando eu voltar como onça  
"Eu vou abrir um bocão.*

*"Você coloca um cachimbo  
"Pra eu soltar um buerão."  
Mas o rapaz não resistiu  
E saiu de carreirão.*



*A índia ficou encantada  
É a protetora daqui  
Ela vira uma onça  
E também uma juriti.*

*Na onça laiá Cabocla  
Nós temos que acreditar  
Pois ela é da cultura  
Do povo Xakriabá.*

*Aqui morava um homem  
Por nome de Vicentão  
Que bebia muita pinga  
E caía pelo chão.*

*Acho que ele falou mal  
Da senhora da nação  
E ficou com tanto medo  
Que foi falar com Estevão.*

*Tem na grotta do arrozal  
Um coqueiro de três galhos  
Quando passo vejo ele  
Molhadinho de orvalho*

*De volta ninguém vê mais  
Porque ele é encantado  
Pode ser que a laiá  
Dê alguns assobiados.*

*Dizem que nesse lugar  
Vem cantar uma juriti  
Chega lá o gato mia  
Coisa que nunca vi.*

*Aqui terminam as histórias  
Que ouvimos o povo contar  
Da nossa laiá Cabocla  
Da tribo Xacriabá.*





# Posfácio

Queridos leitores Xakriabá,

Sou Alice Bicalho, professora de edição na Faculdade de Letras da UFMG. No primeiro semestre de 2022, propus a uma turma de estudantes conhecer, ler, estudar e estruturar um livro Xakriabá a partir de dez obras da autoria deste povo a que tínhamos acesso (a maioria delas tendo sido produzida a partir do ano de 2004 por pesquisadores Xakriabá em projetos realizados também na UFMG).

Os estudantes do curso de Edição, que animadamente aceitaram a proposta, fizeram uma bela seleção de textos, a partir da qual percebemos que havia narrativas, poemas e também textos dissertativos em torno de alguns temas: a religiosidade, a história dos tempos antigos, a laiã cabocla, as lapas, os modos de viver, a luta pela reconquista do território, as plantas e suas funções, entre outros. Observando com cuidado os textos e analisando os temas em comum, os separamos em três eixos, céu, terra e gruta, e organizamos as obras a partir desses eixos, abordando a história, os costumes, a memória, as lutas e o território Xakriabá.

Participaram da edição deste material as professoras e pesquisadoras Cheila Araújo Xakriabá, Célia Fiúza de Araújo e Fernanda do Carmo Lima Xakriabá, não só se disponibilizando a nos ensinar um pouco sobre a Retomada Xakriabá, como se comprometendo e acompanhando de perto o processo de elaboração deste livro, nos orientando com observações sempre sensíveis, perspicazes e muito pertinentes.

Na “terra” os textos foram organizados buscando dar contas de diferentes concepções que este termo permite pensar:

terra como mãe (e não propriedade), como luta pelo território, como lugar de se viver e desenvolver hábitos e costumes, como lugar de memória.

Considerando a importância de valorizar a literatura Xakriabá em suas manifestações orais e escritas, privilegamos revisar os textos preservando os traços da oralidade que pareceram contribuir para o registro do português indígena desse povo. É preciso observar que esse trabalho já havia sido realizado em grande parte nas edições anteriores destes textos, e que buscamos, apenas quando necessário, aprimorar esse registro.

O grupo de estudantes que participou da edição deste material escreveu uma carta para vocês. Ela dá sequência às reflexões deste posfácio.

Temos grande admiração pela literatura Xakriabá tanto no que se conta quanto no modo como as coisas são contadas. A voz dos mais velhos Xakriabá, escritas nestas páginas, são motivo de orgulho e alegria e, como muitas das grandes obras da literatura, enchem o leitor de força e alegria de viver. Torço para que tenham tido este efeito em você. Torço também que este livro seja mais um instrumento a colaborar para a preservação da memória e para a criação e renovação literária deste povo corajoso, perseverante, povo de luta e de poesia, que é o povo Xakriabá.

Com carinho,

Alice Bicalho



# Ao leitor Xakriabá

Caro leitor, nós, alunos, com nossa visão estrangeira, tentamos, a partir de nossa subjetividade de estudos sobre a luta indígena Xakriabá e da leitura dos livros deste povo a que tivemos acesso, reunir textos que tinham potencial de serem relevantes. Apresentamos então nossa proposta para as pesquisadoras que, com muita sensibilidade, nos guiaram e aconselharam sobre quais partes faziam sentido e quais precisavam ser mais trabalhadas. Sabemos que a questão da língua é um tema de extrema relevância para ser discutido tanto em sala de aula e quanto fora dela. Desde a primeira invasão portuguesa as línguas indígenas como um todo sofreram muito, e muitas se perderam, mas não sem manter alguns traços da língua original. Com isso em mente, tentamos ao máximo respeitar o português como é falado em comunidades Xakriabá. Incluímos um glossário com alguns termos que poderiam ter significados diferentes do esperado ou que não conhecíamos, com o intuito de aproximar o material de leitores mais jovens e possivelmente, auxiliar pesquisas futuras quanto à língua falada.

Nosso grupo trabalhou com o tema da “terra” em seus mais diversos sentidos: terra-mãe, território, luta pelo direito à posse, fonte de matéria prima e alimentos, entre outros. Trouxemos assim, alguns textos sobre saberes relacionados à terra, alguns textos sobre o Rosalino, uma liderança assassinada que lutou até o fim pelo direito de seu povo ocupar seu espaço, entre outros textos.

Enfim, trabalhamos nesse material pensando inteiramente em seus possíveis usos e relevâncias para vocês e acreditamos que os principais focos foram a relevância cultural e linguística, bem como os possíveis usos para pesquisas futuras, usos didáticos, e praticidade para o manuseio do livro-objeto em sala de aula. Esperamos que este material possa cumprir esses objetivos e auxiliar na manutenção (e na luta) pela língua pela cultura do povo Xakriabá!

Atenciosamente,

Rômulo, Heitor, Gabriel

# Glossário

**Acolá:** em outro lugar

**Antônce:** então

**Arcu:** álcool

**Arroz com casca:** arroz quando colhido, antes de passar pela limpeza que tira a palha.

**Arueira:** aroeira

**Assubeio:** assoviar

**Assuntar:** ouvir, escutar

**Azetim:** azeite

**Birinha:** a beira

**Caroço de café cru:** café antes de ser torrado e moído

**Chuva de flor:** chuva de gelo

**Chuva de pedra:** chuva de gelo

**Chuva de pertenente:** tempestade

**Crema:** creme

**Cruzeiro:** cemitério

**Cunziava:** cozinha

**Despedaço:** aos pedaços, despedaçado

**Dicuada:** fermento natural para fazer sabão

**Dimuda:** mudar

**Dotô:** doutor

**Eitão:** parede em formato triangular que forma o caimento do telhado; refere a comprimento (medida)

**Em'riba:** em cima

**Esculatera:** lata usada para ferver água para café

**Espinho de caixeiro:** espinho de ouriço

**Evem:** vem

**Fii/fio:** filho

**Finado:** pessoa falecida

**Fulano:** quando fala de alguém, mas não fala o nome então fala-se fulano

**Funaia:** Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas)

**Furquia:** forquilha, gancho

**Incumpridá:** tornar cumprido

**Inté/anté:** até

**Is cuiê:** escolher

**Istora:** história



**Istrada:** estrada

**Jataí:** abelha

**Juá:** árvore

**límp:** limpo

**Juei:** joelho

**Maleducada:** mal-educada

**Manonia:** mamona

**Mele de abeia:** mel de abelha

**Meleta:** tamanduá bandeira

**Mei:** meio

**Mii:** milho

**Miô:** melhor

**Mocotó:** tornozelo

**Neve:** neveiro

**Óli: óleo**

**Ontonci:** então

**Padrim:** padrinho

**Pau d'óleo:** copaíba

**Peda:** pedra

**Pela:** pele

**Pendida [Lua]:** quando a lua é nova e vem um pouco deitada. Traz sinal de chuva.

**Porva:** pólvora

**Posseiro:** Posseiro, como o grileiro, são pessoas que ocupam um pedaço de terra e passa a trabalhar nela como se fosse deles e tomam posse ilegal daquela terra

**Possêro:** ver **Posseiro**

**Pra'culá:** para lá

**Praino:** plano

**Própi:** próprio

**Proquera:** porqueira

**Pu cê:** para você

**Redona:** uma multidão de pessoas

**Remedar:** imitar

**Subeio:** assovio

**Talo/tali:** tal

**Tamborí:** árvore

**Toré [dança do]:** dança indígena Xakriabá



# Referências

Os textos desta antologia foram retirados das seguintes obras:

- 1- FREIRE, Cleuza Cavalcante Luzineide; ALKIMIN, Maria Aparecida Evaristo Maria Neuza; MOTA, Nelza Gonçalves Alkimin Quitéria Farias; GONÇALVES DOS SANTOS, Rosânia. *Poesia sobre os conhecimentos Xakriabá*. Belo Horizonte: FALE-UFGM, Literaterras 2013.

*Poesia sobre os conhecimentos Xakriabá* apresenta um compilado amplo da poesia Xakriabá e das características que a compõem como expressão de um povo. Mostra ainda as singularidades de cada gênero da poética oral presentes na sua produção. A relação dos Xakriabá com o ambiente que os abriga inspira parte dos versos, e a história e as percepções intrínsecas às relações humanas desempenham papel análogo. Os poemas abordam acontecimentos acrescidos do entendimento simbólico Xakriabá, o uso de plantas tradicionais do Cerrado, além da importância cultural do céu e da gruta.

- 2- GONÇALVES, Eliana do Rosário Ferreira Oliveira; BARBOSA, Regiane Costa. *O ensino da língua portuguesa em duas escolas xakriabá (Bukinuk e Uikitu Kuhnã)*: português indígena e português padrão em foco. 2016. Percurso Acadêmico (Licenciatura em Línguas, Artes e Literaturas) – Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

*O ensino da língua portuguesa em duas escolas xakriabá* consiste em uma monografia em Línguas, Artes e Literaturas apresentada ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFGM). Busca entender e estabelecer a relação entre o português indígena e o português padrão, por meio de uma pesquisa realizada em escolas xakriabás. As autoras ressaltam a importância da valorização tanto do ensino

do português padrão, quanto do português indígena, contribuindo para a discussão da variação linguística e a relevância de entender o Brasil como um país de muitas línguas. Foram utilizadas as transcrições de entrevistas realizadas com os mais velhos, buscando-se ressaltar traços da oralidade xakriabá.

- 3- XACRIABÁ, Índios. *Com os mais velhos*. Belo Horizonte: FALE-UFMG; CGEEI; SECAD; MEC, 2005.

A obra *Com os mais velhos* abre espaço para o diálogo entre tradição e história. Como experiência intercultural, o livro se estrutura a partir de transcrições realizadas por estudantes não indígenas da graduação em Letras (FALE/UFMG) de narrativas orais gravadas dos mais velhos Xakriabá. Com histórias e textos que contam sobre o cotidiano da terra indígena, *Com os mais velhos* é um registro coletivo e comunitário da oralidade xakriabá, passando adiante, também, os ensinamentos dos mais velhos para os mais novos.

- 4- XACRIABÁ, Índios. *Iaiá Cabocla*. Belo Horizonte: FALE-UFMG; CGEEI; SECAD; MEC, 2005.

Os versos da obra *Iaiá Cabocla* retratam diferentes versões da história de uma das mais importantes protetoras do povo Xakriabá e remontam o imaginário cultural e religioso desse povo indígena. A centralidade está em Iaiá Cabocla e na sua presença e importância para o povo Xakriabá. Literatura e oralidade permeiam os ensinamentos e pesquisas realizadas por pesquisadores Xakriabás e da FALE/UFMG e demonstram a riqueza da oralidade e modos de cantar histórias entre os xakriabá.

- 5- XACRIABÁ, Índios. *Revelando os conhecimentos*. Belo Horizonte: FALE-UFMG; CGEEI; SECAD; MEC, 2005.

*Revelando os conhecimentos* é um livro ilustrado que traz poemas criados por crianças Xakriabá a partir do léxico de Dona Arcina, uma mais velha deste povo. Escritos próximo da oralidade, tendo, ao lado, o registro na norma culta, os poemas atestam o português falado pelo povo Xakriabá, reconhecendo-o e valorizando-o. A presença dos manuscritos e dos desenhos feitos pelos alunos da Escola Indígena Xakriabá na Aldeia Imbaúba também confere importância aos modos de expressão dessas crianças, contribuindo para a sua preservação.

- 6- XAKRIABÁ, Eulina Cavalcante Bizerra. *Andando para o futuro sem esquecer o passado*. Belo Horizonte: FIEI-FALE-UFMG, 2013.

O livro de Eulina Cavalcante Bizerra Xakriabá traz entrevistas com moradores das comunidades de Imbaúba, Riacho do Brejo e Pedra Redonda. A valorização da memória dos entrevistados é o objetivo central do livro, ao conectar e apresentar diferentes tradições de jogos, cantos e narrativas desse povo indígena do norte de Minas.

Descrições das brincadeiras realizadas por pessoas de diversas idades,

dos versos jogados em tais momentos descontraídos, de questões que regeram a vida dos entrevistados e a apresentação de antigas histórias contadas e recontadas pelos xakriabá são registradas nessa obra. O livro consiste em um registro do passado, fundamental para guiar os mais jovens ao futuro, como um convite aos xakriabá, aos outros povos indígenas e aos não indígenas para escutar o passado e suas lições.

- 7- XAKRIABÁ, Povo; ARAÚJO, Anide; ARAÚJO, Ducilene; GONÇALVES, Vanilde. *Nem tudo o que se vê se fala*: ciência, crença e sabedoria Xakriabá. Belo Horizonte: FALE-UFMG; Literaterras, 2013.

*Nem tudo o que se vê se fala* exhibe o poder da palavra, do conceito e dos conhecimentos derivados do entendimento Xakriabá sobre o mundo. O livro apresenta três conceitos de grande importância: a ciência, a crença e a sabedoria, que convergem, unidos, para interpretar não apenas o que pode ser visto ou tocado. A palavra, como coisa flutuante, sem fronteira definida, demonstra mais uma vez sua força ao retratar a importância do conceito falado, recitado de maneira quase mágica, pois ela não é apenas uma referência ao que há no mundo. A palavra constrói algo no mundo através de sua própria existência.

- 8- XAKRIABÁ, Povo; GONÇALVES DA SILVA, Andreлина; GONÇALVES DA SILVA, Francisca; LEITE, Iracema Macedo. *Para seu trono lilar*. Transmitindo nossos cantos, danças e rezas Xakriabá. Belo Horizonte: FALE-UFMG; Literaterras, 2013.

*Para seu trono lilar* reúne alguns cantos e textos religiosos em uma tentativa tanto de resgatar a ancestralidade dessa comunidade quanto de difundir ainda mais essa rica tradição. Deste modo, pretende alcançar não apenas novas pessoas, mas também os jovens que acaso se encontrem mais afastados destas práticas religiosas. As rezas, cantos de Reis, lundus e dança de São Gonçalo são arquivados aqui de modo escrito, mas também através de áudios gravados em CD, convidando à leitura e ao canto, demonstrando a beleza e força da oralidade Xakriabá.



# Sumário



<i>Apresentação.....</i>	<i>7</i>
<i>Terra.....</i>	<i>9</i>
<i>Posfácio.....</i>	<i>35</i>
<i>Ao leitor Xakriabá.....</i>	<i>37</i>
<i>Glossário.....</i>	<i>39</i>
<i>Referências.....</i>	<i>41</i>

A656

Aqui quem fala é o povo Xakriabá : Terra / [edição: Aline Bicalho].  
– Belo Horizonte : FALE/UFMG, 2023.

44 p. (Coleção Literaterras).

ISBN: 978-65-87237-65-7

Inclui bibliografia e glossário.

1. Literatura indígena – Brasil. 2. Índios Xakriabá. I. Oliveira,  
Aline Bicalho de. II. Universidade Federal de Minas Gerais.  
Faculdade de Letras. III. Título. IV. Série.

CDD : 898.3

Todos os direitos reservados ao ©Povo Xakriabá, 2023.

Proibida a reprodução para fins comerciais sem autorização.

### **Coordenação editorial**

Alice Bicalho

### **Conselho editorial e glossário**

Cheila Araújo Xakriabá, Célia Fiúza de Araújo Xakriabá, Fernanda do Carmo Lima Xakriabá

### **Organização e edição dos textos**

Alice Bicalho, Anna Lara Muneirao Coelho Teixeira, Gabriel Batista Silva Magela, Heitor Vinicius Alves da Silva, Isabella de Oliveira Andrade Guedes, Karine dos Reis Caixeta, Lobélia Hadassa Rodrigues Comini de Carvalho, Pedro Augusto Amaral Lopes, Rômulo Herdy e Silva

### **Sinopses**

Camila Almeida Carvalho, Isis Beber de Souza Fiorilo Rocha, Suyhanne Katarynne Pena Leite, Renata Martins Rodrigues, Luísa Rocha Vasconcelos

### **Revisão**

Barbara Gomes Franco, Bárbara Lopes da Silva, Isis Beber de Souza Fiorilo Rocha, Camila Almeida Carvalho

### **Coordenação do projeto gráfico**

Rafo Barbosa

**Participaram da criação do projeto gráfico** as estudantes da turma TV0 PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO DE LIVROS INDÍGENAS, 1-2023

### **Oficinas de criação das capas**

Ranison Xakriabá, Bruni Emanuele Fernandes, Juliana Gontijo

### **Participaram da criação e confecção das capas desta tiragem**

Camila Almeida Carvalho, Isis Beber de Souza Fiorilo Rocha, Suyhanne Katarynne Pena Leite, Renata Martins Rodrigues, Luísa Rocha Vasconcelos, Barbara Gomes Franco, Bárbara Lopes da Silva, Renan Lacerda, Lobélia Hadassa Rodrigues Comini de Carvalho, Rômulo Herdy e Silva, Gabriel Mota, Helena Macedo, Carla Renata de Andrade Silva

1ª edição – 2023

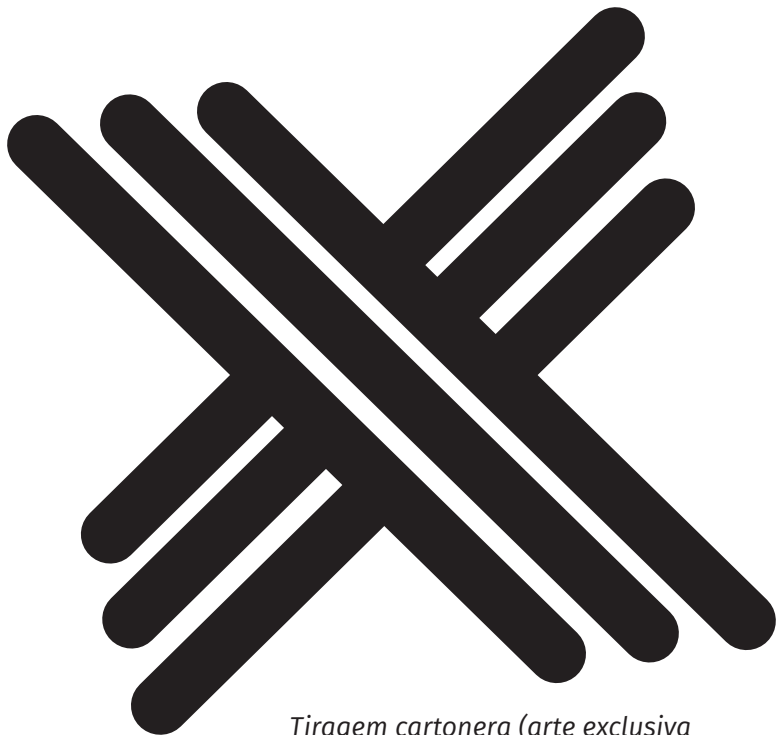
### **ISBN**

978-65-87237-65-7 (Impresso)  
978-65-87237-68-8 (Digital)

Coleção Literaterras  
LABED – FALE – UFMG  
Impresso no Brasil

Terra Indígena Xakriabá,  
Belo Horizonte – 2023  
Tiragem cartonera de  
50 exemplares

Todos os esforços para solicitar a autorização para o uso dos textos foram feitos. Os créditos foram incluídos e os detentores dos direitos autorais sendo contatados, faremos a solicitação formal.



*Tiragem cartonera (arte exclusiva  
sobre papelão reaproveitado)  
Fonte do título da obra: Pacaembú  
Type de Ricardo Carvalho  
Fonte dos textos: Fira Sans  
Impressão: Imprensa Universitária  
da UFMG*

LAB  
ED

